

A GERAÇÃO DE 45: UMA “QUIMERA DE ORIGEM” – LÊDO IVO, JOÃO CABRAL DE MELO NETO E O DISCURSO GERACIONAL

Wladimir Saldanha dos Santos
Doutorando em Literatura e Cultura – Universidade Federal da Bahia

Resumo: O objetivo do artigo é reler a crítica que primeiro recepcionou a Geração de 45. Fundada em raciocínios analógicos, essa crítica lançou bases ainda persistentes, migrando dos jornais para obras analíticas e sempre nivelando autores e obras em função de aproximações com poéticas anteriores. Tal discurso geracional, entretanto, acaba por obscurecer a compreensão das diferenças, relegadas a um segundo plano. Propõe-se, então, uma metacrítica que reverta essa lógica, valorizando as diferenças entre poéticas – o que se faz com foco particular no percurso de dois autores representativos: Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto.

Palavras-chave: Poesia brasileira – Geração de 45. Geração de 45 – Poéticas. Metacrítica.

Resumé: L'objectif de l'article est de relire la critique qui a réceptionné en premier la Génération de 45. Fondée sur des raisonnements analogiques, cette critique a lancé des bases encore persistentes, qui ont migrés des journaux pour des oeuvres analytiques, et toujours en train de niveler les auteurs et les oeuvres en fonction de comparaisons avec des poétiques antérieurs. Cependant, tel discours générationnel finit par obscurcir la compréhension des différences, reléguées à un second plan. On propose alors une méta-critique qui va renverser cette logique en valorisant les différences entre les poétiques. Ce qui a été fait ici comme objectif particulier dans le parcours des deux auteurs représentatifs: Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto.

Mots-clés: Poésie Brésilienne – Génération de 45. Génération de 45 – Poétiques. Méta-critique.

Introdução

Quando Michel Foucault, em “As unidades do discurso”, enumera algumas das “sínteses acabadas” a cujo questionamento convida seus leitores, menciona, entre outras, as noções de “mentalidade” e de “espírito”, as quais “permitem estabelecer, entre fenômenos simultâneos ou sucessivos de uma determinada época, uma comunidade de sentido” (2005, p. 24). A estas duas noções trazidas por Foucault, poderíamos acrescentar uma terceira, que lhes é correlata: a de “gerações literárias”.

Mas o que vem a ser, afinal, uma “geração literária”? A pergunta interessa tanto à(s) história(s) da(s) literatura quanto à Literatura Comparada, porque todo discurso geracional subentende, ao mesmo tempo, uma periodização e algumas tantas aproximações. Massaud Moisés sinaliza que, “depois de mais ou menos esquecido durante várias centúrias, o problema das gerações voltou a circular no século XIX, e dum modo que evidenciava um interesse consciente pelo assunto” (1974, p. 251). Ora, não é preciso demonstrar que o retorno do problema geracional, sobretudo, como método historiográfico, sintoniza-se com o positivismo dominante no Século XIX, o que nos deixa entrever o liame entre os discursos sobre “gerações literárias” e as tentativas de ordenação científicas – classificações, taxonomias etc. – então em voga.

Pensados com base em raciocínios analógicos, os discursos geracionais podem servir a neutralizações, encobrendo possíveis diferenças entre obras diversas: estas coexistem no tempo em conjuntos heterogêneos, os quais nem sempre se deixam facilmente rotular. Sem negar, entretanto, a possível utilidade de tais analogias, não se pode deixar de problematizá-las, sobretudo a partir da modernidade, quando a linguagem, como ainda nos lembra Foucault (2002, p. 67), “rompe o velho parentesco com as coisas”.

Sobre os poetas brasileiros que estrearam em torno do ano de 1945, urdiu-se, lenta e fragmentariamente, um discurso geracional. Deste nos ocupamos nas reflexões que se seguem, com ênfase especial nos “nomes de autor” Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto – tomados como princípios organizadores já pela própria crítica literária, em polarização de tendências.

A “Geração de 45”

De início, algumas dificuldades se apresentam. A primeira é a já mencionada fragmentação. Isto porque, provindo da chamada “crítica de rodapé”, o discurso geracional de que nos ocupamos recebe também o influxo dos discursos autorais, a que se somam, pouco depois, reflexões *en passant* de capítulos introdutórios a textos ensaísticos – detidos estes na obra de João Cabral de Melo Neto, sobretudo. Assim,

escasseiam textos sobre a “Geração de 45”, isto é, detidos especificamente na temática do discurso geracional.

Também outras peculiaridades precisam ser consideradas. O grupo de 45 não se articulou de forma consensual em torno de “manifestos” – embora também os tenha conhecido; não cultivou uma postura iconoclasta em relação aos poetas que lhe precederam – especialmente ao núcleo imediatamente anterior, que começara a publicar em torno de 1930; não se reconheceu precursor de nenhum outro grupo, não fez “herdeiros” – e isto a despeito de João Cabral de Melo Neto, em mais de uma oportunidade, ter manifestado simpatia em relação aos concretistas; pois também deixou dito num poema que sua poesia era “sem discípula”¹.

Assim, é possível antecipar que esta “geração” solta – sem linhagem, sem revolta e sem testamento –, parece ter algo a dizer, e talvez como poucas na literatura brasileira, sobre a ruptura daquele “velho parentesco” – e a consequente frustração da busca por analogias. A discórdia e o disparate, que, também para Foucault (2006, p. 18), estão no “começo histórico das coisas” – bem ao contrário de uma identidade preservada da origem – são a marca de 45: uma “geração”, de que se poderia dizer, paradoxalmente, caracterizar-se pela *diferença*. E esta *diferença*, por sua vez, mostra-se bastante emblemática nos percursos de Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto, poetas que, tendo estreado em torno de 1945, elaboraram dicções literárias distintas, mantiveram vínculos de amizade pessoal e discordaram, em pronunciamentos críticos e entrevistas concedidas ao longo da vida, sobre os discursos geracionais e suas respectivas pertencas.

Por uma genealogia da crítica

“O genealogista precisa da história para rever a quimera da origem”, escreve Foucault (2006, p. 19), agora no texto “Nietzsche, a genealogia e a história”. A alternativa genealógica, para Foucault (2006, p. 21), convida a “se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos”. Assim, ao reler a crítica que primeiro se deteve nos poetas de 1945, não pretendemos uma pesquisa de origem, mas, apenas, “seguir o filão complexo

da proveniência”, para agitar “o que se percebia imóvel”: no caso em foco, os sentidos cristalizados pela crítica sobre possíveis continuidades ou rupturas estabelecidas pelo grupo de 1945 – sobretudo, em relação ao Modernismo; mas, também, as cristalizações de sentido sobre a existência opositiva de um “autor icônico” e de um “autor transgressor”.

Pensando em termos de sistema literário, é preciso ter em vista que, àquele tempo, a cena literária brasileira ainda se movimentava em função da chamada “crítica de rodapé”. Feita nos jornais, em pés de página ou colunas exclusivas, tal crítica, no jogo de forças da época, possuía grande poder legitimador ou silenciador; era uma crítica valorativa e agressiva, que, embora buscasse manter certo distanciamento para com seus objetos – tratando os autores, por exemplo, de “senhor” e “senhora” –, não hesitava em desautorizar os discursos que porventura se afastassem de seus paradigmas estéticos. As polêmicas eram comuns, mesmo porque os “rodapés” se articulavam com o público e o mercado de seu tempo, a ponto de alguns críticos, conforme lembra Flora Süssekind (1993, p. 17), julgarem-se verdadeiros “diretores de consciências”. Dois desses profissionais – Tristão de Athayde e Sérgio Milliet –, em plena atividade na década de 1940, identificaram os novos rumos que a poesia brasileira parecia tomar, moldando as primeiras apreciações sobre o que, posteriormente, viria a configurar-se como “Geração de 45”.

Em 1947, Athayde escreve um artigo intitulado “O neomodernismo”, no qual se notam buscas de continuidades como vontade de verdade: o crítico procura estabelecer liames entre os então novos poetas e o Modernismo de 1922. Diz Athayde:

[...] movimento que não vem de improviso, nem se manifesta como uma **ruptura** e sim como um **prolongamento** [...] Por isso mesmo é que chamo ao movimento que se anuncia de “neomodernismo”. Nele vejo um **prolongamento** do próprio modernismo (1947, p. 74-76, grifo nosso).

Relendo o trecho acima, a partir do princípio de descontinuidade da alternativa genealógica, segundo a qual “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas” (FOUCAULT, 2004, p. 52), é possível desvelar que Athayde, bem ao contrário, recorre a uma ideia de prolongamento, de continuidade. Ora, o fato de não ter

havido exatamente uma atitude de ruptura em 45 não autoriza, por si mesmo, a falar em prolongamento – a menos que se raciocine em termos binários e autoexcludentes. Mas este parece ser o caso da lógica de Athayde: não sendo ruptura, *logo* é prolongamento.

Tal ideia de “prolongamento”, lançada já em 1947, daria margens a remissões homólogas de outros críticos e, mesmo, dos próprios poetas, em reflexões sobre a “geração”. É o caso, por exemplo, de Darcy Damasceno – um dos novos poetas de 1945 –, que referenda a continuidade estabelecida por Athayde: “Outro ponto do artigo [...] com o qual há concordância geral é o que define o movimento incipiente como um **prolongamento** do anterior, uma renovação ditada por novas condições sociais e não por espírito de destruição” (DAMASCENO, 1947, p. 52-53, grifo nosso).

Também na *Apresentação da poesia brasileira*, é a vez de Manuel Bandeira mencionar o grupo de 45, ecoando a ideia de continuidade: “[...] Todas as características podem ser encontradas em poetas anteriores, mas a Geração de 45 como que as sistematizou” (1997, p. 465). Aqui, a ideia de sistematização, de reagrupamento e reordenação, conduzindo, também, ao tratamento de 45 como “unidade de sentido”, sem problematizações.

No mesmo ano de 1947, mas em visada diametralmente oposta à de Athayde, outro “crítico de rodapé”, Sérgio Milliet, escreve sobre o grupo de 45:

A produção poética destes últimos anos revela uma **reação**, nem sempre consciente, contra a poesia descabelada de 22 [...] realização de uma poesia feita de sobriedade, de nobreza, de decantação voluntária, elaborada em oposição ao jogo de palavras, ao malabarismo verbal e rítmico, de que usaram e abusaram os **revolucionários** (1947, p. 74-76, grifo nosso).

Aqui, ao contrário do que fizera Athayde, o que é posto em relevo é a possível antinomia de 45 em relação a 22: o caráter reacionário de 45, restaurador de formas anteriores à “revolução” de 22. Essa leitura de 45 como **antimodernismo** merecerá, muito depois, uma série de remissões homólogas, de críticos e ensaístas que acentuam a ideia lançada por Milliet.

Será o caso, por exemplo, de Benedito Nunes, na obra *João Cabral de Melo Neto*, quando diz: “Não era pois exagerado que se falasse na atitude de **reacionarismo estético** da geração de 45, adotada até por aqueles seus representantes que veicularam o anseio de revolução social” (NUNES, 1974, p. 28, grifo nosso). Também para Haroldo de Campos, em “O geômetra engajado”: “Realmente, a assim dita Geração de 45 encarnou, sobretudo, uma **nostalgia restauradora** de cânones pré-modernistas” (CAMPOS, 2006, p. 78, grifo nosso). Por fim, é importante lembrar o ensaio também paradigmático de José Guilherme Merquior, “Falência da poesia ou uma geração enganada e enganosa: os poetas de 45”. Nesse texto, publicado originalmente em 1957, está reelaborada a tese do reacionarismo, de Milliet, que ganha, entretanto, contornos depreciativos:

A chamada geração de 45 é, do ponto de vista do **valor** literário, uma **dege(ne)ração**. Do seu programa, frustrado desde a primeira hora, não ficou nenhum resultado no **plano do monumento**, do definitivo [...] Qual era esse programa? [...] sempre foi uma **reação** contra 22” (MERQUIOR, 1996, p. 48, grifo nosso).

Merquior, preocupado como está com o “plano do monumento”, subvaloriza em bloco os poetas de 45 lançando mão de raciocínio comparativo, pelo qual reativa o discurso de **antimodernismo**, de Milliet. Poderíamos objetar que o autor de *Razão do poema*, à maneira do historiador que se dedica à “história monumental”, desconsidera toda uma diversidade para obter o “efeito fortalecedor” de que nos fala Nietzsche (2003, p. 21), em “Da utilidade e da desvantagem da história para a vida”. O passado (então recente) – no caso, identificado ao Modernismo de 22 – assume dimensão paralisante, e Merquior, ao intercambiar os signos “geração” e “degeneração”, parece supor um passado digno, apenas, de imitação.

Por uma genealogia dos discursos de autor (Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto)

Ainda em 1952, João Cabral de Melo Neto lança um olhar sobre as discussões que envolveram 1945 e escreve quatro artigos sobre o tema. Esses textos, originalmente publicados no *Diário Carioca*, já dialogam com a crítica que então se articulava em

torno da poesia surgida em 45, com muitas remissões às teses levantadas – de continuidade ou ruptura, por exemplo. Para Melo Neto (1994, p. 742), não há nenhum problema em relação à ideia de continuidade: “uma geração pode continuar a outra”; “o fato de constituírem uma geração de extensão de conquistas, muito mais do que uma geração de invenção de caminho, é o que melhor me parece definir os poetas de 1945” (MELO NETO, 1994, p. 744).

E é justamente contra essa possível “continuidade” que vai o ensaio “Epitáfio do Modernismo”, que Lêdo Ivo escreve em 1967 para a *Revista Orfeu*: “E não deixa de ser estranho que alguns historiadores ou nostálgicos [...] ainda insistam em situar a geração de 45 como continuadora de 22. Continuadora de quê?” (IVO, 1978, p. 148).

Ao reler essas apreciações autorais, entretanto, é preciso ter em vista, novamente, a observação de Foucault: “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas” (FOUCAULT, 2004, p. 52). Ora, aparentemente, Cabral referenda a continuidade da proposta de 45 em relação ao Modernismo, enquanto Ivo a rejeita. Entretanto, sustentamos que essa antinomia é apenas aparente: da leitura mais atenta dos quatro ensaios de Cabral decorre que o poeta, ao pensar em “continuidade” e “extensão de conquistas”, refere-se, não ao Movimento Modernista de 1922, mas ao grupo de poetas brasileiros que havia estreado pouco depois, em torno de 1930: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Mendes etc. Diversamente, quando Lêdo Ivo põe em questão a “continuidade”, está fazendo isso, sobretudo, em relação ao Modernismo de 1922 – e às vanguardas europeias assimiladas então.

É pertinente, portanto, observar como as duas teses iniciais, de Tristão de Athayde (45 como **neomodernismo**) e de Sérgio Milliet (45 como **antimodernismo**), se refratam nos discursos autorais de Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto, dando margem a interpretações e remissões, as quais se entrecrocaram de forma descontínua, ao mesmo tempo em que, ironicamente, dialogam com a tese da “continuidade”.

O desencontro vai-se problematizando com os anos. Se, em 1952, João Cabral debruçara-se sobre a questão geracional de 1945, sem questionar **a priori** a existência de uma geração e sua própria pertença a esta, completamente diferente será a postura

que assume em 1969, em entrevista ao *Diário de Pernambuco*. Agora, nas respostas que concede, Cabral atribui a Lêdo Ivo a “invenção” do rótulo “Geração de 45”. O trecho é irônico e vale a citação mais longa:

Quando Lêdo Ivo inventou a Geração de 45 **eu estava na Espanha**. Sou da Geração de 45 porque todos os que se consideram assim são meus conterrâneos. Mas se **meus pais** tivessem me perguntado se eu queria nascer, eu indagaria se havia algum risco. Eles me responderiam: “Vão **inventar** a **Geração** de 45”. Então, eu pediria – “Faz Evaldo **nascer** em meu lugar. Deixa eu **nascer** daqui a 16 anos” (MELO NETO, 1969, p. 5, grifo nosso).

Interessante é observar como o pronunciamento de João Cabral parece dialogar, aqui, com textos críticos, já publicados à época, sobre seu percurso literário. No caminho inverso da construção de sentido, é a crítica que vai repercutir na reflexão geracional e matizar o discurso de autor. De fato, se aproximarmos a declaração acima de momentos como os que se leem nos ensaios “O geômetra engajado”, de Haroldo de Campos, ou *João Cabral de Melo Neto*, de Benedito Nunes, o que vemos emergir é mais uma teia de remissões: para Campos, Cabral é visto como distônico em meio à “Geração de 45”, da qual faria parte, apenas, “por um critério de cronologia tabelioa” (CAMPOS, 2006, p. 78); para Nunes, Cabral estaria na “geração de 45” pelo simples fato de que “não se escolhe a geração em que se nasce” (NUNES, 1974, p. 29).

Quanto ao fato de ter sido Lêdo Ivo o “inventor” do próprio rótulo “Geração de 45”, importa considerar alguns aspectos. O primeiro deles é que tal “invenção” não poderia ser atribuída a um só “nome de autor” – dada a personalização monológica de todo um “momento” da literatura brasileira que isso implicaria, subtraindo diversidades e especificidades do jogo de forças da época. Segundo, o fato de que o próprio João Cabral, em 1952, dedicara-se a refletir sobre essa tumultuosa “geração” – nos quatro artigos que intitulou “A geração de 45”, já citados por nós, e publicados no *Diário Carioca*; assim, estaria, ele também e inegavelmente, “inventando” ou “re-inventando” o que depois negaria ter inventado (ou, no mínimo, re-inventado). Ora, diante disso, não se pode pensar a declaração dada por Cabral em 1969 senão como *blague* – mas, *blague* que seja, articula-se com todo um construto de leitura de 45, a que o poeta parece ter aderido com o tempo, assimilando, no desempenho das funções de autor, as apreciações críticas que viam sua poética como de exceção em relação aos coetâneos.

Perguntado sobre a “paternidade” da “Geração de 45”, o poeta Lêdo Ivo, em entrevista concedida no ano de 2004, faz algumas ponderações:

De modo algum. Nunca fui líder de nada ou de ninguém. O fato é que a Geração de 45 já “estava no ar”. Havia um clima de mudança em toda parte [...] Muito pelo contrário: [...] inúmeras vezes fui “expulso da geração”, pois alguns teóricos do movimento achavam que minha poesia era verborrágica demais para se enquadrar no cânone de 45. [...] Quanto à Geração de 45, **foi Domingos Carvalho da Silva que deu esse nome** ao movimento, e Péricles Eugênio da Silva Ramos foi o teórico principal, autor dos famosos manifestos, publicados na *Revista Orfeu* (IVO, 2004, p. 17, grifo nosso).

Neste trecho de entrevista, é Lêdo Ivo quem se desonera de ter “inventado” a “geração de 45”, atribuindo a outros, por sua vez, o feito. Sem procurar estabelecer uma “verdade” sobre quem seria, de fato, o autor “icônico” e o autor “transgressor” de 45 – ou o “pai legítimo” dessa “geração” –, é pertinente observarmos que uma noção de “criação” está na base de toda a discussão elaborada em torno das séries literárias surgidas em 45. Existe, na reflexão crítica, um discurso de **causa e efeito**, uma lógica geracional – no sentido de um pai, que gera um filho –, a qual autoriza apropriarmos-nos das reflexões feitas por Jacques Derrida, com base em Freud, sob as acepções da própria palavra “pai”, quando Derrida relê o *Fedro*, em *A Farmácia de Platão*: “[...] o pai, que é também um *chefe*, um *capital* e um *bem*. Ou antes o chefe, o *capital*, o bem. *Páter* significa em grego tudo isso ao mesmo tempo” (DERRIDA, 1997, p. 26).

Ressaltamos que, ao trazermos o texto derridiano, não pretendemos fazê-lo como meio de refletir sobre uma possível permanência de esquemas platônicos em nossos objetos de estudo, já que as reflexões de Derrida (1997), em *A Farmácia de Platão*, dirigem-se, sobretudo à crítica de uma metafísica da presença – do poder de fala que, em Platão, seria necessário para legitimar a escrita. Mas a reflexão pontual de Derrida, com base em Freud e dirigida à polissemia do termo “pai”, pode ser, aqui, reaproveitada para nosso propósito de crítica da crítica, ou metacrítica, da “Geração de 45”.

Assim, parece-nos possível, metaforicamente, aproximar a plurissignificação da palavra “pai” com os papéis atribuídos pelos discursos críticos e autorais ao Movimento

Modernista ou, no caso específico dos artigos de João Cabral, aos poetas que estrearam em 1930: a “Geração de 45” seria uma “potência de discurso” – e “só uma potência de discurso tem um pai” (DERRIDA, 1997, p. 26). Diante desse “pai”, a “geração” ora é vista em suas duas possibilidades: a do “órfão carente” – aquele que tem necessidade de assistência paterna; e a da “ameaça parricida” –, ou seja, exatamente o oposto, o desejo de subversão e orfandade. Entretanto, os críticos detidos na “Geração de 45” – e aqui, também, aproveitamos a polissemia, evocando a significação tautológica do termo “geração” (“aquilo que é gerado”) – ao vê-la, de forma excludente, como **antimodernismo** (Milliet) ou **neomodernismo** (Athayde), construíram discursos que suprimem a dimensão de ambivalência da mesma “geração”.

Porque, ainda conforme Derrida (1997, p. 26), “esta miséria é ambígua”. Mas a dificuldade dos discursos críticos (e até dos autorais) parece ter sido precisamente admitir tal ambiguidade. Não há lugar para raciocínios de convivência: *ou* 45 é **antimodernismo**, *ou* é **neomodernismo**. E na esteira desse maniqueísmo, outras oscilações vão-se construindo, das quais a busca de um “autor icônico” e de um “autor transgressor” vem a ser, possivelmente, uma das mais significativas.

Para Wilson Martins (1987, p. 320), por exemplo, na *História da inteligência brasileira*, “não será fantasioso situar o sr. João Cabral de Melo Neto no centro geométrico e poético da ‘geração de 45’”. Argumenta Martins que a proeminência de João Cabral no contexto da geração se deve ao pronunciamento do poeta no Congresso de Poesia do Recife, em 1941, em torno do qual “se cristalizaram as discussões e os debates significativos” (MARTINS, 1987, p. 320). No mesmo sentido, mas estabelecendo antinomia em relação a Lêdo Ivo, é o texto de Gilberto Mendonça Teles, “*Lêdo Ivo – a aventura da transgressão*”: “João Cabral de Melo Neto é o poeta típico e representativo: a figura icônica por excelência da geração de 45”, sendo Lêdo Ivo, ainda conforme o crítico, o “transgressor” (TELES, 2002, p. 237).

Entretanto, mais recentemente, a crítica nacional já sinaliza com novos modos de ler a chamada “Geração de 45”. Em artigo publicado no ano de 2008, no jornal literário “*Rascunho*”, Afonso Romano de Sant’Anna lança a interrogação:

Será que não é um erro fazer um pacote e jogar no lixo a geração de 45, livrando a cara apenas de João Cabral? O quanto de pré-conceito (*sic*), de patrulhamento, de briga de gerações havia na estratégia de descartar tantos autores que são julgados sem serem lidos? (SANT'ANNA, 2008, p. 12, grifo nosso).

Essa pergunta de Sant'Anna já reflete a necessidade de compreender 45 em sua diversidade, afastando leituras que, a propósito de tratar das peculiaridades da poética de João Cabral, construíram para este “nome de autor” um discurso de exceção, neutralizando todos os demais nomes e obras.

Quanto às polarizações, também estabelecidas pela crítica, é interessante lembrar ainda o texto de Ivan Junqueira, que serve de prefácio à *Poesia completa* de Lêdo Ivo, publicada em 2004. Nesse texto, Junqueira aproxima Lêdo Ivo de João Cabral, porém ressaltando as peculiaridades individuais, sem estabelecer hierarquias: “[...] cada qual ao seu modo, transcendem os limites escolásticos da geração na qual se encontram historicamente inseridos” (JUNQUEIRA, 2004, p. 27-28).

Conclusões

Neste trabalho, sem qualquer pretensão de esgotar o tema, pretendemos pôr em suspenso o discurso geracional de 45, problematizando seu caráter de “síntese acabada” – para lembrar ainda as palavras de Foucault (2005, p. 24), citadas inicialmente. Por isso, procuramos nos deter na rede de remissões entre os discursos críticos e autorais, a partir dos textos iniciais de Sérgio Milliet e Tristão de Athayde, que lançaram as teses do **antimodernismo** e do **neomodernismo**, respectivamente.

O grupo heterogêneo de 45 solicita a crítica no sentido de fazer emergir a diferença, até então neutralizada em discursos que pretenderam ver continuidades (imediatas ou retroativas), tratando o movimento de 22, implicitamente, como o grande “pai” com quem se deveria romper *ou* sob cuja proteção se deveria abrigar.

A consideração da **diferença**, entretanto, reverte esses termos opositivos – os quais já estariam presentes nos próprios textos críticos e nos discursos de autor, mas em posições marginais, sufocados por uma lógica excludente, que trabalha apenas com oposições binárias, sem contemplar o paradoxo como possibilidade.

Ainda que mantendo liames de homologia com o texto de Athayde (1947), mais recentemente, Gilberto Mendonça Teles – crítico literário que também produziu obra poética e cujo nome se conta entre os autores da “Geração de 45” – articula reflexões menos binárias sobre a “geração”, seja em sua obra crítica, seja mesmo em textos metapoéticos de sua lírica. Na opinião de Teles, no ensaio “Para o estudo da geração de 45”,

A poesia da geração de 45 situa-se perfeitamente dentro do sentido de transformação do discurso poético do modernismo. **Não continuou** as tendências modernistas, copiando-as, exaurindo-as ou repetindo-as arquetipicamente; **continuou**, mas no sentido de que soube imprimir à dicção modernista uma nova dicção, pressentida por alguns poetas de 22 e deixada à margem (TELES, 2002, p. 86, grifo nosso).

Essa posição do poeta-crítico ainda ecoa, de certo modo, a leitura de **neomodernismo**, pois, embora já estabeleça nuances, ainda há a nota marcante da continuidade. Entretanto, ao dizer, num mesmo texto, “continuou” e “não continuou”, de certo modo Teles já reinsere o discurso crítico numa possibilidade que refoge à lógica até então dominante, contemplando uma **suplementaridade** que não se resolve em termos binários e autoexcludentes. Não será, portanto, de estranhar-se que este mesmo crítico, em texto metapoético sobre a “Geração de 45”, reorganize a **suplementaridade** de seu texto analítico em versos:

Tudo é sim e não
em quarenta e cinco
e a melhor lição
deixa sempre um vinco
de interrogação
no tempo onde brinco
procurando um vão
entre o 4 e o 5 (TELES, 1977, p. 17).

Será, talvez, nesse “vão/ entre o 4 e o 5” que entendemos melhor se inserir o discurso geracional – e não apenas o de 45. Território de ambiguidades, a literatura diz de si mesma o que muitas vezes a crítica não logrou dizer. E, ao falar de si mesmo, o poeta Gilberto Mendonça Teles extrapola, também, a própria dimensão individual, falando de outro(s), reflexamente.

Porque esse “vão” procurado por Teles em seu poema também exemplifica as oposições entre as poéticas de Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto, vistos, de modo alternativo, como “autor icônico” e “autor transgressor” – e isso inclusive pelo próprio Teles (2002), em texto anterior, ainda comprometido com uma lógica da complementaridade.

É o momento de dedicarmos algumas palavras à longa amizade que uniu esses dois “representantes” da “geração de 45”: Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto. O intenso diálogo que mantiveram e que se irradia na correspondência recentemente publicada – no livro *E agora adeus* (IVO, 2007) – parece ter assumido, a despeito dos “tempos sombrios” dos quais nos fala Francisco Ortega (2002, p. 159-165) em *Genealogias da amizade*, verdadeiros contornos de uma *philia*, no sentido grego aristotélico de “intercâmbio de palavras e pensamentos” (ORTEGA, 2002, p. 42). Várias ocorrências autorizam essa possibilidade de leitura: trocas de dedicatórias, discussões de preferências, apresentação recíproca de obras desconhecidas para cada um, sugestões para títulos de inéditos – isso no plano propriamente “literário”; e, no plano pessoal: aluguel de apartamentos, notícias de saúde, recados para outros amigos etc.

“A amizade não deve tolher as diferenças, nem estas a amizade”, escreve Alfredo Bosi (1996), citando Simone Weil, na apresentação da correspondência entre Cecília Meireles e Mário de Andrade – poetas de imensas diferenças estéticas, mas também de grande compreensão intelectual mútua; e essa mesma lição poderia ser retirada do longo diálogo entre Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto. Isoladamente, poderíamos evocar vários textos poéticos de Ivo e Cabral em que o tema da **diferença** é encontrável² – o que denuncia o grau de autoconsciência de suas respectivas poéticas, e o quanto de atenção a uma **lógica do suplemento** é frequente em seus poemas. Contudo, virá talvez a partir daquela significativa amizade, *philia* que atravessou os “tempos sombrios” do Século XX e, particularmente, as distâncias a que a carreira diplomática obrigou João

Cabral, a nota de biografismo com que o discurso de geração pode começar a ser reescrito, agora de modo mais atento à **diferença**.

Referências

- ATHAYDE, Tristão de. O neomodernismo. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 1, 1947.
- BANDEIRA, Manuel. Apresentação da poesia brasileira. In: _____. *Seleção de prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- BOSI, Alfredo. História de um encontro. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- CAMPOS, Haroldo de. O geômetra engajado. In: _____. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DAMASCENO, Darcy. Um artigo e vários depoimentos. *Revista Orfeu*, Rio de Janeiro, n. 1, 1947.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.
- IVO, Lêdo. Epitáfio do modernismo. In: _____. *Poesia observada: ensaios sobre a criação poética e matérias afins*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- IVO, Lêdo. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- IVO, Lêdo. *E agora adeus: correspondência para Lêdo Ivo*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2007.
- JUNQUEIRA, Ivan. Quem tem medo de Lêdo Ivo? In: IVO, Lêdo. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. In: MAMEDE, Zila. *Civil geometria*. Bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Nobel, 1987. v. 7.
- MELO NETO, João Cabral de. Um imortal em busca da sepultura. Entrevista a Jeová

- Franklin. *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 cad., p. 5, 04 maio 1969.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Organização Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Falência da poesia ou uma geração enganada e enganosa*: os poetas de 45. Razão do poema. Ensaios de crítica e estética. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- MILLIET, Sérgio. Reação poética. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 1, 1947.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva* – da utilidade e da desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. Situação da poesia hoje. *Jornal Rascunho*, Curitiba, p. 12, ago. 2008.
- SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Arte de armar*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- TELES, Gilberto Mendonça. Lêdo Ivo – A aventura da transgressão. In: _____. *Contramargem* – estudos de literatura. São Paulo: Loyola, 2002.

Recebido em 31/03/2012
Aprovado em 29/10/2012

¹ É o que se lê em “A Augusto de Campos”, poema-dedicatória de *Agrestes*: “ela que da janela/ vê que na rua desfila/ banda de que não faz parte/ rindo de ser sem discípula” (MELO NETO, 1994, p. 518).

² Em Lêdo Ivo, por exemplo, o poema que se intitula “A diferença” (2004, p. 950), dentre outros; em João Cabral, toda a série que abre *A educação pela pedra*, e se intitula “O mar e o canavial” (1994, p. 335), dentre outros.